



# CARTA AOS TRABALHADORES TERCEIRIZADOS DA FIOCRUZ

**N**ós, servidores da Fiocruz em greve, queremos nos dirigir a você, colega que trabalha conosco no dia a dia e também constrói esta Instituição. No que diz respeito à campanha salarial, esta é uma greve dos servidores na medida em que a conquista de qualquer melhoria na carreira beneficiará apenas essa parcela dos trabalhadores da Fiocruz. Nosso esforço, no entanto, tem sido de aproveitar o momento da greve para propor reflexões e fomentar uma mobilização que vá além da pauta corporativa. Assim, quando afirmamos que nossa luta é contra o ajuste fiscal, a privatização das políticas sociais, o desmonte do serviço público e o ataque aos direitos dos trabalhadores, não podemos fechar os olhos também para a realidade dos terceirizados e precarizados em geral da própria Fiocruz.

Temos, por exemplo, manifestado posição contrária ao Projeto de Lei que regulamenta a terceirização, aumentando ainda mais a exploração do trabalho no Brasil. Mas isso somente ganhará concretude se conseguirmos enfrentar as consequências — atuais e futuras — desse processo no interior da nossa instituição. Dividir as lutas entre servidores e terceirizados é não apenas uma ilusão como um erro de leitura política. Reconhecemos, assim, que a falta de diálogo do governo com os servidores é parte do mesmo esforço de garantir a acumulação do capital que age também sobre os trabalhadores da iniciativa privada, incluindo aqueles vinculados às empresas que terceirizam serviços para as instituições públicas.

De uma forma geral, no mercado de trabalho os profissionais vinculados por meio de terceirização costumam ter salários mais baixos, jornada de trabalho mais longa e são vítimas de acidentes de trabalho em número muito maior do que os diretamente contratados. Sabemos ainda que, nas instituições públicas, o processo de terceirização em geral não reduz custos, ao contrário, sem que isso melhore em nada as condições do trabalhador. Além do aumento da exploração, como estratégia para redução de custos, a terceirização enfraquece e fragmenta categorias e sindicatos, desorganizando, assim, a luta dos trabalhadores. Na Fiocruz não é diferente: a diversidade de contratos cria uma hierarquia também entre profissionais terceirizados; a vinculação de trabalhadores que desempenham uma mesma função a sindicatos distintos e em sua maioria cartoriais impede qualquer tipo de organização para defesa dos seus interesses; a inexistência de qualquer mecanismo de controle social sobre a gestão do trabalho não consegue impedir ou mesmo discutir demissões e negociações que levam ao rebaixamento de direitos em função, por exemplo, de cortes orçamentários. Além disso, também aqui, numa instituição que protagonizou o movimento da reforma sanitária e defendeu o conceito ampliado de saúde, naturalizamos a cruel divisão entre atividade-meio e atividade-fim que legitima a terceirização em áreas como limpeza (mesmo de hospitais) e portaria (mesmo nas escolas).

A busca por um caminho solidário de organização e proteção dos trabalhadores da Fiocruz, independentemente do vínculo, pode e deve ser um desdobramento do movimento grevista que estamos construindo neste momento. A acolhida que temos recebido dos trabalhadores terceirizados pode ser o primeiro passo de uma aproximação organizativa que mude o cenário das relações de trabalho na Fiocruz e fortaleça a luta de todos os trabalhadores. Temos clareza, no entanto, de que essa deve ser uma via de mão dupla. E é por isso que, mais do que agradecer, o objetivo último desta carta é assumir um compromisso público de que este movimento não se esgota aqui e de que nós, servidores organizados da Fiocruz, precisamos assumir a responsabilidade sobre os rumos que a privatização e a precarização do trabalho têm tomado na nossa instituição.